



POTÊNCIA DE MEMBROS SUPERIORES EM JOGADORES DE BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS

Carlos Marcelo de Oliveira Klein¹
José Cristiano Paes Leme da Silva²
Carlos Henrique Barra Avelar³
Diego Nascimento⁴

PALAVRAS-CHAVE: Deficientes, basquetebol em cadeira de rodas, potência.

INTRODUÇÃO

A busca pela prática da atividade física por portadores de algum tipo de deficiência física é um fato, o qual faz com que esses indivíduos possam usufruir dos benefícios que a prática regular de exercícios pode proporcionar. Dentre estes benefícios podemos destacar a melhora da aptidão física geral, a redução do risco de desenvolvimento de doenças relacionadas com a Hipocinesia e a melhora da qualidade de vida ao proporcionar certo nível de independência no seu cotidiano (SILVA *et al.*, 2004).

Um dos esportes que é considerado, dentro do contexto do esporte adaptado para portadores de deficiência física, como um dos mais difundidos e hoje um dos mais praticados, principalmente por lesionados medulares, amputados e com sequelas de poliomielite, é o basquetebol em cadeira de rodas. (GORGATTI e BÖHME, 2002).

Para a formação de uma equipe os indivíduos são classificados considerando-se fundamentalmente a amplitude de movimento nas habilidades que conseguem realizar durante o jogo, onde devem ser analisados o arremesso, a propulsão na cadeira e o passe, além do rebote, drible, posição na cadeira e nível de limitação. Sendo assim a exigência de movimentos com grande velocidade de deslocamento, mudanças rápidas de direção, onde são determinantes a força e potência de membros superiores e agilidade (GORGATTI e GORGATTI in GORGATTI e COSTA, 2005, p. 504-5).

OBJETIVO

O objetivo de nosso estudo foi avaliar a força explosiva de membros superiores de jogadores de basquetebol em cadeira de rodas de Volta Redonda – RJ.

METODOLOGIA

A amostra se constituiu de 10 indivíduos do sexo masculino, faixa etária média de 39,5 ± 11,6 anos, integrantes da equipe de basquetebol em cadeira de rodas de Volta

Redonda-RJ. Todos com experiência de mais de um ano de treinamento e prática do esporte, não sendo levado em consideração o tipo de lesão.

Para avaliar a Força Explosiva de Membros Superiores (FEMMSS) foi utilizado o teste de Arremesso de Medicineball de Jonhson e Nelson (*apud* MARINS e GIANNICHI, 2003, p. 123).

Os resultados obtidos no teste de FEMMSS foram analisados através de estatística descritiva (média e desvio padrão) e para se determinar o nível de capacidade dos jogadores de Volta Redonda, em relação a estas qualidades físicas, foram ainda comparados com os resultados encontrados no estudo de Gorgatti e Böhme (2002), através do teste t de student.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Os resultados dos valores média e desvio padrão entre os 3 grupos, sendo Grupo 1 os atletas de Volta Redonda ($4,38 \pm 0,90$), Grupo 2, os atletas de uma equipe de São Paulo ($5,20 \pm 0,70$) e Grupo 3, os cadeirantes sedentários ($3,80 \pm 0,20$) do estudo de Gorgatti e Böhme (2002).

Analisando o nível de performance para o teste de arremeso de medicineball, de acordo com a tabela de referencia proposta por Jonhson e Nelson (1979 *apud* MARINS e GIANNICHI, 2003, p. 124), a média do Grupo 1 (4,38 m.) indica que estes indivíduos se encontram em nível considerado Intermediário, os indivíduos do Grupo 2 (5,20 m.) também são classificados como nível Intermediário.

Ao analisarmos se existe diferença entre os grupos, comparando os atletas de Volta Redonda e de São Paulo, os atletas de São Paulo apresentaram resultados mais expressivos, sendo para o teste de FEMMSS obtivemos um $t_{calculado} (3,90) > t_{tabelado} (2,763)$, para um nível de significância $p < 0,01$, onde podemos atestar com 99% de certeza que essa diferença é clara e está relacionada provavelmente com o nível de solicitação imposto pelas competições e treinamento realizado pelos atletas de uma equipe de ponta.

Comparando os resultados médios entre os grupos 1 e 3, também encontramos diferença significativa entre os grupos, no teste de FEMMSS obtivemos um $t_{calculado} (4,14) > t_{tabelado} (2,763)$ para um nível de significância $p < 0,01$, o que também nos leva a creditar tal diferença ao processo de especificidade do treinamento, o que, segundo Barroso et al (2005), o tipo de treinamento aplicado bem como a capacidade individual e o tipo de lesão, podem ser causas prováveis de diferenças da capacidade de realizar determinado tipo de movimento no qual se utilize a força.

CONCLUSÕES

De acordo com os resultados encontrados, ao compararmos com os deficientes sedentários, podemos concluir que os praticantes de basquetebol em cadeira de rodas apresentam maior aptidão física no que concerne à força de membros superiores, o que de certa forma representa uma maior probabilidade de se manter certo nível de independência na questão de deslocamento em cadeiras de rodas.

Entre os grupos que treinam, o grupo de jogadores da equipe de São Paulo apresentam um maior nível de performance em relação a qualidade física testada, comparando com o grupo de Volta Redonda, o qual treina há um tempo menor, sendo possível assim se determinar que mesmo em grupos especiais, os indivíduos que realizam alguma atividade física de forma regular e por um período maior de tempo, tendem a ter a possibilidade de desenvolver uma melhor performance.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROSO, R.; TRICOLI, V.; UGRINOWITSCH, C. Adaptações neurais e morfológicas ao treinamento de força com ações excêntricas. **Rev. Bras. Cien e Mov.**, v. 13, n.2, 2005, p. 111-122.

GORGATTI, M.G.; BÖHME, M.T.S. Potencia de membros superiores e agilidade em jogadores de basquetebol em cadeira de rodas. **Rev. Sobama**, v.7, n.1, dez: 2002, p. 9-14.

GORGATTI, M. G.; COSTA, R.F. **Atividade física adaptada**. Barueri: Manole, 2005.

MARINS, J.C.B.; GIANNICHI, R.S. **Avaliação e prescrição de atividade física: guia prático**. 3^a. ed, Rio de Janeiro: Shape, 2003.

SILVA, R.C. et al. Estudo controlado da influencia da atividade física em fatores de risco para doenças crônicas em indivíduos lesados medulares paraplégicos do sexo masculino. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.**, v.18, n.2, abr/jun: 2004, p. 169-77.

1 Mestre. Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA. cmklein@oi.com.br

2 Mestre. Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA. cristiano1964@gmail.com

3 Especialista. Secretaria Municipal de Esporte e Lazer de Volta Redonda

4 Especialista. Centro Universitário Augusto Mota. nostopabanda@hotmail.com